

“Por ser nova de grande alegria para este reino, se pôs nessa Gazeta”: A circulação de notícias e a *Gazeta ‘da Restauração’* em Portugal (1641-1647)

“Por ser nova de grande alegria para este reino, se pôs nessa Gazeta”:
The circulation of news and the Gazeta ‘da Restauração’ in Portugal (1641-1647)

Recebido em 18 de abril de 2016. | Aprovado em 08 de maio de 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v2i1.321>

Caroline Garcia Mendes¹

Resumo: A circulação de notícias no continente europeu tem sido tema de diversos trabalhos nos últimos anos. Para além de produções individuais, criadas e voltadas exclusivamente para determinadas nações, entende-se que o periodismo impresso foi um movimento ocorrido em diferentes partes da Europa que se iniciou em meados do século XVII. Em Portugal isso não foi diferente. Em novembro de 1641, um ano após a Restauração portuguesa e aclamação de Dom João IV, começou a circular em Lisboa a chamada *Gazeta da Restauração*, periódico considerado o primeiro daquele país, que continha, em sua maioria, notícias relacionadas às batalhas contra Castela nas fronteiras portuguesas. A publicação possuía autorização régia e apresentava constantemente exaltação à nova Coroa. Seu caráter mensal se estendeu de novembro de 1641 a julho de 1642, quando foi suspensa, podendo retornar a circular meses depois, em novo formato. O presente artigo tem o intuito, assim, de discorrer acerca deste periódico e analisar alguns dos temas presentes em suas páginas, pensando em seus impressores e editores e no momento vivido por aquela sociedade, em que a cultura periódica começava a se estabelecer.

Palavras-chave: circulação de notícias; periodismo; *Gazeta da Restauração*; cultura escrita; história moderna.

Abstract: The circulation of news in the European continent has been the theme of several works in the past few years. Beyond individual productions, written to and concerning exclusively determined nations, it is understood that printed periodism was a movement that occurred in different parts of Europe, from the mid-sixteenth century onwards. In Portugal, it was not different. In November of 1641, one year after the Portuguese Restoration and acclamation of Dom João IV, the so-called *Gazeta da Restauração* began to circulate in Lisbon, considered the first periodic publication of that country and which contained news mostly related to the battles against Castela on the Portuguese border. Its publication had the royal authorization and constantly exalted the new Crown. Its monthly character lasted from November 1641 to July 1642, when it was suspended, returning to circulate months later in a new format. This paper intends to discuss this publication and analyze some themes present in its pages, assessing elements related to its printers and editors, and the moment lived by that society, in which the periodic publication culture began to settle.

Keywords: circulation of news; periodism; *Gazeta da Restauração*; written culture; modern history.

¹ Mestre em História na área de concentração Política, Memória e Cidade no IFCH/Universidade Estadual de Campinas e Doutoranda em História Social na FFLCH/Universidade de São Paulo. Possui experiência em História Colonial e História da Cultura Escrita, com ênfase em cultura epistolar e cultura periódica na Idade Moderna, no Brasil e em Portugal. Esta pesquisa conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP - processo 2014/23614-7). carol.mendes@outlook.com.

Introdução

O milagre ocorrido em primeiro de dezembro de 1640 em Lisboa é de grande estima à Restauração portuguesa e foi noticiado em diferentes papéis que circularam pela cidade: para dar ânimo às pessoas que apoiavam a nova dinastia que ascendia ao poder, Jesus Cristo despregou o braço direito do crucifixo, às portas da Igreja de Santo Antônio. Um ano após o grande acontecimento, era a descrença neste milagre e suas consequências que estavam estampadas na primeira página da *Gazeta em que se relatam as novas todas, que ouve nesta corte, e que vieram de varias partes no mês de Novembro de 1641*:

Num lugar da Beira se afirma que houve um homem, que ouvindo dizer numa conversação de amigos que na feliz aclamação de el Rei nosso Senhor fizera o crucifixo da Sé o milagre, que a todos é notório: disse que podia acaso a imagem do Senhor despregar o braço; e assim que acabou de dizer estas palavras caiu uma parede junto da qual estavam todos os da conversação, e só a ele matou (*Gazeta*, Nov/1641, f. 2)².

Era importante tornar público o que aconteceria com quem duvidasse do milagre, pois essa contestação poderia desencadear até mesmo dúvidas acerca do próprio movimento restaurador (FARIA, 2010, p. 39). Para alertar as pessoas acerca do apoio divino à nova Dinastia e, conseqüentemente, os perigos de sua contestação, o primeiro periódico português trazia impressa a notícia chegada da Beira. Em dezembro de 1641 a homenagem à Restauração era a primeira notícia vinculada na *Gazeta*, que comemorava a data em que “Deus nosso Senhor pôs seus olhos de misericórdia no miserável estado de Portugal, e foi servido de o restituir a seu legítimo sucessor, o Sereníssimo Rei D. João IV”, descrevendo ainda a festa que tomava as ruas de Lisboa e afirmando que não vira o Sol “em quantos milhares de anos há que rodeia a máquina do mundo, mais gala, aparato igual, maior grandeza, nem tantas demonstrações de alegria em todos os triunfos, que a fama soleniza” (*Gazeta*, dez/1641, f. 1; 1v).

Os trechos utilizados acima estão publicados em dois números da *Gazeta*, dos meses de novembro e dezembro de 1641, mas muitos outros circularam por Lisboa entre os anos de 1642 e 1647. São centenas de notícias que tratam de cerimônias, batalhas, milagres, desastres naturais e visitas diplomáticas, em um período delicado da história ibérica por se tratar da Restauração e conseqüente guerra com Castela para impor a dinastia de Bragança diante do reino português. Dessa forma, propomos em nosso artigo uma análise inicial sobre a *Gazeta da Restauração*, considerada pela historiografia como o primeiro periódico português.

1. Os periódicos no continente europeu: alguns apontamentos

As discussões acerca do periodismo europeu são recentes na historiografia. A preocupação com Gazetas, Mercúrios e Relações de Sucesso tem gerado nos últimos anos uma grande produção historiográfica voltada para compreender o funcionamento da circulação de notícias no continente europeu³. Temos de ter em mente que o desenvolvimento da imprensa ainda no século XV, apesar de fundamental para a circulação periódica de que iremos tratar, por si só não explica o anseio daquela sociedade em ter acesso às notícias locais e de outras partes do

² Citaremos os números e páginas da *Gazeta* no corpo do texto, utilizando (*Gazeta*, mês/ano, f.) no intuito de facilitar a leitura. Também preferimos adaptar os trechos citados ao português atual, pois focaremos nossa análise neste artigo apenas em seu conteúdo. A *Gazeta da Restauração* disponível no site da Biblioteca Nacional de Portugal em: <<http://purl.pt/12094/5/#/10>> está incompleta, não possuindo alguns exemplares que estão publicados no trabalho de Eurico Gomes Dias (2006).

³ A partir da leitura das fontes (especialmente os periódicos portugueses, no atual ponto da pesquisa), percebemos que quem escrevia esse material muitas vezes utilizava os termos *Relação*, *Gazeta* e *Mercúrio* como sinônimos. A historiografia atual possui, porém, algumas definições acerca dos três termos. A principal característica que difere as Relações de Sucessos das Gazetas e Mercúrios é que as primeiras não possuíam pretensão de periodicidade. A historiadora Ana Paula Torres Megiani explica que elas são “textos ocasionais, sem periodicidade regular, nos quais são relatados acontecimentos com o objetivo de informar, entreter e comover o receptor sobre coisas que têm sucedido” (MEGIANI, 2012, p. 473). José Tengarrinha diferencia as Gazetas e Mercúrios na medida em que as primeiras seriam semelhantes aos jornais atuais e os últimos, parecidos com nossas revistas (TENGARRINHA, 1989, p. 41). Ainda tratando apenas dos dois periódicos portugueses, podemos afirmar que a primeira fase da *Gazeta* é bastante semelhante ao *Mercúrio Portuguez*, com a diferença de que a escrita deste último conta frequentemente com as opiniões pessoais de seu editor. Para seus contemporâneos, contudo, entendemos que era apenas uma questão de origem das palavras: *Mercúrio* remetendo ao mensageiro dos deuses, e *Gazeta* à “moeda pequena, com que ordinariamente se comprava em Veneza a Relação impressa das novas correntes” (BLUTEAU in LISBOA, 2006, p. XIII). Era frequente o editor do *Mercúrio* se referir àquele periódico como *Gazeta* ou *Relação* no decorrer do texto, o que demonstra a fluidez com que estes termos eram empregados no século XVII.

continente. O desenvolvimento da arte tipográfica, contudo, modificou a relação da sociedade de maneira geral com a escrita, superando o monopólio clerical da cultura escrita e multiplicando “os objetos escritos, intensificando as trocas culturais, disseminando a produção intelectual em relação aos seus centros tradicionais, criando novos ofícios e novos públicos leitores” (BUESCU, 2000, p. 31), operando, assim, uma ampliação da circulação da escrita impressa entre letrados e iletrados⁴. Ana Isabel Buescu explica ainda que a difusão da imprensa obedece a uma lógica centro-periferia, na qual tem preeminência a Alemanha onde, por volta de 1470, todas as grandes cidades já possuíam oficinas tipográficas. O surgimento de uma técnica, porém, não significa sua utilização e, ainda mais, não justifica a crescente popularidade que o material impresso passa a obter em diferentes partes da Europa. Relacionar exclusivamente o surgimento da tipografia com seu uso e expansão, assim, é perder de vista outras formas de análise e deixar de fazer outras perguntas àqueles documentos e àquela sociedade.

Nosso primeiro passo deve ser assim pensar a sociedade da segunda metade do século XVII como possuidora de um espaço e da necessidade da circulação de notícias, e que essa circulação começava naquele período a concretizar-se regular e periódica (LISBOA, 2002). A linha evolutiva proposta por alguns autores – em que a circulação de notícias teria se iniciado com a cultura epistolar, depois com avisos e relações de sucesso manuscritas e impressas, e que por fim se teria concluído nos impressos periódicos do século XVII – contudo, deve ser deixada de lado para melhor entendimento do início da cultura periódica em Portugal. Esses periódicos circulavam concomitantemente a diversos papéis de notícias e cartas, impressas ou manuscritas, e muitas vezes tomavam a forma desses materiais, num momento em que todos eles coexistiam e completavam uns aos outros.

Quando analisa a esfera pública, Jürgen Habermas relaciona a circulação de notícias com a circulação de mercadorias, afirmando que desde o século XIV as trocas de cartas comerciais foram organizadas como uma espécie de sistema profissional de correspondências, necessário para as transações realizadas através das distâncias. As grandes cidades tornaram-se, assim, também grandes centros de circulação de notícias. Era um momento em que ainda não era interessante nem para a corte, nem para os comerciantes, a publicidade da informação. Assim, o interesse se voltava mais para jornais manuscritos e cartas privadas, organizadas comercialmente por negociantes de notícias. Para Habermas, só podemos falar em imprensa no sentido estrito do termo quando a informação regular é pública, ou seja, acessível ao público de maneira geral, e isso só começaria a ocorrer, segundo o autor, no final do século XVII. Foi ainda em meados do século XVII que as autoridades começam a entender a imprensa como algo útil à administração:

No começo, os jornais políticos informavam das viagens e dos retornos do príncipe, da chegada de personalidades estrangeiras, festas, ‘solenidades’ da corte, nomeações, e assim por diante. Vinculadas a essas notícias da corte, que poderiam ser interpretadas como uma espécie de transposição da representação na nova forma da esfera pública, apareciam também ‘os decretos do soberano para o bem dos súditos’. A imprensa logo começou a ser posta sistematicamente a serviço dos interesses da administração pública (HABERMAS, 2014, p. 126-127).

Esse local de corte nos periódicos é encontrado também nas *Gazetas de Lisboa*, periódico manuscrito do início do século XVIII analisado por André Belo. Também recorrendo a Habermas, Belo explica que estes chamados jornais políticos não eram feitos *para* uma elite, e sim *por* elas, denominando estes “constrangimentos” a que eram submetidas as notícias publicadas nestes periódicos como filtros de informação. Assim, estes periódicos limitavam “as suas notícias a fazer eco da solenidade desses gestos e cerimônias. Ao reproduzir, sem se distanciar deles, um ambiente e uma hierarquia palacianos” (BELO, 2001, p. 45), a *Gazeta* prolongava essa atmosfera. A primeira fase da *Gazeta da Restauração* e algumas notícias de suas últimas publicações também não fugiam a esta regra.

A historiadora Carmen Espejo entende, assim, que mais do que iniciativas individuais de Estados Modernos, marcados por políticas absolutistas – como querem algumas interpretações – o fenômeno periodístico seria europeu, não nacional. Além do contexto econômico levantado por Habermas, Espejo entende que outros motivos também fizeram com que o interesse pelas notícias atravessasse fronteiras ao redor do continente. Há o surgimento concomitante através da Europa do interesse pelas notícias, relacionado em grande parte à Guerra dos Trinta Anos que cobria todo o continente. O interesse pelas notícias e o surgimento dos periódicos, assim, atravessa o continente europeu, no que Espejo denomina de “explosão informativa” (ESPEJO, 2012). A guerra, segundo Mario Infelise, normalmente alimentava o desejo por informação, havendo uma estreita relação entre

⁴ Ampliação no sentido de maior acesso, sem esquecer, no entanto, que a maioria da população nesse momento ainda não é alfabetizada e não teria recursos financeiros para o acesso ao material impresso.

acontecimentos militares e a origem do periodismo impresso. O autor entende que, se em condições ordinárias a produção à mão bastava, no caso dos grandes conflitos a curiosidade se multiplicava. Estas redes manuscritas e impressas, por outro lado, não permaneceram separadas, formando os avisos escritos à mão, as gazetas impressas e as relações, uma “espiral de intercâmbio” que alimentava diferentes opiniões e discussões (INFELISE, 2010, p. 160).

João Luis Lisboa explica que estas gazetas não correspondem aos periódicos que reconhecemos atualmente, nem tem a ver com o jornalismo que se iniciou há um século. Portanto, analisar as gazetas do século XVII não tem o intuito de esclarecer os primórdios do jornalismo, mas sim compreender o que eram, como funcionavam, o que movia seus editores e como eram construídas (LISBOA, 2002).

2. A Gazeta da Restauração

A Gazeta conhecida como *da Restauração* foi publicada entre os anos de 1641 e 1647 em Lisboa. Era um caderno que significava a entrada de um novo conceito tipográfico de informação em Portugal, não só por sua intenção de periodicidade impressa, mas também como “órgão informativo e publicitário oficial do reino de Portugal” (BERGEL, 2004, p. 228). De uma regularidade ocasional das relações, a *Gazeta* traz consigo a periodicidade marcada mensalmente. Assim, sua publicação se inicia em novembro de 1641 e segue sendo impressa mensalmente até julho de 1642, momento em que é interrompida, voltando em novo formato em outubro do mesmo ano. Se antes apresentava uma divisão entre notícias de dentro e fora do reino, em outubro de 1642 seu título sofre modificação para *Gazeta primeira do mês de outubro de novas de fora do reino*, onde de fato as notícias tratam quase exclusivamente de outras localidades que não Portugal. No ano de 2006 o pesquisador português Eurico Gomes Dias publicou uma edição transcrita da *Gazeta da Restauração*, que foi de grande importância para nossa pesquisa. Dias considera, porém, uma *Relação* publicada em 1648 como parte da *Gazeta da Restauração*, por isso o recorte proposto por sua publicação estende-se até o dito ano. Trabalharemos aqui com a noção de que este periódico, com este título e formato, encerrou-se em setembro de 1647, sem contudo desmerecer a proposta do autor já que, como é percebido em nossas análises, o formato das *Relações*, *Gazetas* e *Mercúrios* na segunda metade do século XVII é bastante semelhante, sendo que seus autores muitas vezes utilizam um termo no lugar de outro.

Esse periódico possuía diferentes maneiras de manter-se abastecido com novas de diferentes partes do continente europeu, claramente inserido em uma rede de informação que perpassava longínquas regiões. Quem o escrevia, contudo, informava também seus leitores acerca da origem daquelas notícias, como na *Gazeta* de dezembro de 1641 em que escreve que “as mais destas novas são colhidas de cartas, e pessoas dignas de crédito, que vieram de varias partes” (*Gazeta*, dez/1641, f. 8v). A menção a chegada de cartas é bastante frequente no decorrer da *Gazeta*, como quando se escreve que foram recebidas “boas novas, que tivemos da Índia Oriental, por um correio que veio da Itália por via da Pérsia” (*Gazeta*, mar/1642, f. 2), ou quando lemos que “por via da Holanda foi a França uma carta de um português, que assiste nas Índias de Castela (...)” (*Gazeta*, Nov/1641, f. 5)”; se na primeira fase da *Gazeta* essas menções são feitas no decorrer do texto, na segunda fase as notícias são já divididas por localidades, muitas vezes aparentando uma tradução literal de alguma nova acerca das batalhas que ocorrem no continente europeu.

Podemos encontrar ainda referência a pessoas que vinham de determinadas regiões trazendo informações, como quando se escreve que “pessoa digna de crédito que veio de Madri, afirma que el Rei Felipe havia gastado dentro de dez meses nas guerras de Portugal, e suas dependências, três milhões, e trezentos mil cruzados” (*Gazeta*, dez/1641, f. 8v). Outra fonte de informação que abastecia esta *Gazeta* eram os periódicos de outras partes da Europa, como indica o trecho a seguir: “na gazeta que veio de França, estão as propostas que os irlandeses agora fazem a el Rei Carlos de Inglaterra” (*Gazeta*, abr/1642, f. 6; 6v). Em seguida, em quase duas páginas da *Gazeta*, são transcritas e traduzidas para o português o artigo publicado na *Gazeta da França* que continha os pedidos dos católicos irlandeses ao rei da Inglaterra.

A suspensão da *Gazeta* por alguns meses levanta dúvidas a João Luis Lisboa se de fato já havia o entendimento de periodismo por aquela sociedade, pois a proibição *das gazetas* devido ao mau estilo de *todas elas* remete ao autor que a noção unitária desta publicação em série “é uma construção que a continuidade deste tipo de produto irá tornar possível, mas que ainda não existe em 1642 em Portugal” (LISBOA, 2002, p. 9). Segundo Lisboa, nove gazetas foram publicadas até o momento da suspensão, gazetas que correspondiam todas ao mesmo

gênero, mas ainda não todas parte de um mesmo título. A questão levantada pelo historiador é bastante pertinente ao pensarmos que naquele momento a *Gazeta da Restauração* circulava há poucos meses e talvez não fosse *recebida* pela sociedade como periódica (haveria uma espera pela próxima Gazeta, ou pela próxima publicação de notícias?). A intenção de seus autores, contudo, parece-nos já claramente voltada para a periodicidade, pois encontramos diversas menções no decorrer da primeira fase da Gazeta que remetem a outros números da publicação, interligando-os, como a notícia abaixo, vinda de São Tomé e publicada na Gazeta de dezembro de 1641: "O governador Manoel Quaresma Carneiro (como soldado velho, e de tanto experiência) despejou logo a cidade de toda a gente inábil para a guerra, entrincheirou e repartiu a infantaria, preparou a fortaleza de todo o que lhe era necessário e esperou com grande valor" (Gazeta, dez/1641, f. 4v). Dois meses depois, porém, a própria Gazeta se explicava ao final da última página, após o encerramento da publicação, que "No que se diz na gazeta de dezembro acerca de São Tomé se advirta, que o governador Manoel Quaresma Carneiro era já morto" (Gazeta, fev/1642, f. 6v). Vemos, assim, tratar-se da mesma Gazeta, cujos editores mantêm a forma da escrita e a sequência das notícias no decorrer das publicações. A ideia de uma publicação periódica também torna-se clara na publicação do mês seguinte, em que se lê, também, após o encerramento da publicação que:

No mesmo ponto em que se acabou de imprimir este papel, veio da Ilha Terceira Jorge de Mesquita, e que trouxe aviso de que a fortaleza se havia rendido e estava já por el Rei Nosso Senhor. Por ser nova de grande alegria para este Reino se pôs nessa Gazeta, não obstante que *pertence a do mês de Abril* (Gazeta, mar/1642, f. 6v, *italico* nosso).

Assim, a notícia continuou na Gazeta seguinte, explicando de maneira mais detalhada que "a Nova da Ilha Terceira, de que se fala por maior na Gazeta do mês de março, veio aos oito do mês de abril no navio Dourado. Foi de grande alegria para todo este povo" (gazeta, abr/1642, f. 1v). Mesmo em sua segunda fase, no ano de 1645, encontramos trecho que demonstra a ligação entre as publicações e o entendimento de seus editores de que era a mesma Gazeta que se publicava todos os meses: "os franceses em Catalunha depois da Praça de Agramöt, de que se fez menção na *Gazeta passada*, tomaram também a cidade e o Castelo de Câmaras (...)" (Gazeta, jul/1645, f. 2, *italico* nosso). Vemos assim que a ideia sequencial, típica de uma publicação periódica, está presente nestas Gazetas, que durante anos mantêm sua impressão nas mesmas oficinas, mudando poucas vezes de impressor – o que ocorreria caso fossem publicações sem intuito periódico. Entendemos ainda que a sequência do estilo, bem como do formato e das notícias demonstra a intenção de periodicidade. Compreendemos que, se compararmos a Gazeta da Restauração com o *Mercúrio Portuguez* – publicado a partir do ano de 1663 –, é possível ver uma grande mudança, que explicaria a afirmação de João Luis Lisboa de que ainda não existia em 1642 uma periodicidade. Os elementos apontados acima, contudo, demonstram que efetivamente a Gazeta possuía a intenção de periodicidade, trazida pela ligação entre suas notícias e correções de informações publicadas em números anteriores. No decorrer de nosso artigo, será possível perceber como uma questão importante aos portugueses perpassa diversas publicações da Gazeta.

Foram três impressores ou oficinas impressoras as responsáveis pela publicação da Gazeta: Lourenço de Anvers, Domingos Lopes Rosa e o único identificado como impressor do rei, Antonio Alvarez. Das 37 gazetas encontradas e publicadas no trabalho de Eurico Gomes Dias (2006), apenas 5 não contêm a informação de onde foram impressas – e ao que tudo indica, apenas por uma questão de espaço na publicação, pois parecem também terem sido impressas por Domingos Lopes Rosa, já que as lacunas estão presentes numa sequência de publicações saídas de sua oficina. Acerca das 32 Gazetas restantes, temos a seguinte divisão: 12 impressas na oficina de Lourenço de Anvers, 18 na oficina de Domingos Lopes Rosa e apenas 2 por Antonio Alvarez. Possuímos ainda poucas informações acerca dessas três casas impressoras, mas convém apresentá-las para melhor compreensão da cultura periódica que se iniciava em Portugal na segunda metade do século XVII. A professora Vanda Anastácio identifica estes três impressores como pertencentes a um seletto grupo que dominava o mercado editorial português no período entre a aclamação de Dom João IV e sua morte, acrescentando nesta lista Paulo Craesbeeck (de quem trataremos mais à frente), Jorge Rodrigues e Manuel da Silva (ANASTÁCIO, 2007, p. 122).

O primeiro deles, Lourenço de Anvers, é apresentado por Gabriel Silva como um dos impressores mais ativos na época da Restauração, "com dezenas de obras publicadas, apologistas dos interesses portugueses face a Castela e de D. João IV" (SILVA, 2011, p. 409). As gazetas impressas por ele são as publicadas entre novembro de 1641 e janeiro de 1642 e as entre outubro de 1642 e julho de 1643. Ao contrário do que alguns autores indicam, porém, esse Lourenço de Anvers não é o filho homônimo de Pedro Craesbeeck (artesão da famosa impressora flamenga Plantin), mas algum parente. Eddy Stols afirma que o Lourenço filho de Craesbeeck mudou-se por motivos de saúde para Coimbra ainda no ano de 1639, com uma nova impressora que funcionaria até 1648. Explica

ainda que o segundo filho de Craesbeeck, Paulo, editava livros utilizando o nome de um primo chamado Lourenço de Anvers – já que não poderia acumular a função de livreiro e impressor. Depois da ida do irmão para Coimbra, ele passa a utilizar o nome de Oficina Craesbeeckiana, o que denota assim serem duas casas impressoras diferentes, a do nosso Lourenço de Anvers e a dos Craesbeeck (STOLS, 2014). Há dezenas de obras impressas por Lourenço de Anvers no catálogo da Biblioteca Nacional de Lisboa, não só de livros, como também relações de sucesso e material religioso. Algumas delas, inclusive, contam com a informação de que foram impressas em sua oficina, e “vendem-se na loja de Paulo Craesbeeck”, ou que foram impressas “às custas de Paulo Craesbeeck”, o que de fato confirmaria a ideia de Stols. Infelizmente, há poucas informações não só sobre este impressor, como também acerca dos demais.

Domingos Lopes Rosa foi o impressor responsável pelo maior número de publicações da Gazeta, imprimindo seus exemplares entre fevereiro de 1642 a julho de 1642 e entre novembro de 1643 e setembro de 1647. Segundo Gabriel Silva, Rosa obteve privilégio por dez anos, a partir de 1639, para a impressão do *Manual de Orações* e, em 1641, para o *Flos Sanctorum* de frei Diogo do Rosário, além de ter publicado várias obras do padre António Vieira. Silva explica ainda que, “seja por encomenda, seja por iniciativa própria, [Domingos Lopes Rosa] tomou parte ativa no esforço propagandístico português com dezenas de títulos publicados dentro da temática das guerras da Restauração e de luta pela legitimação do novo regime” (SILVA, 2011, p. 409).

Por fim, António Alvarez imprimiu apenas duas Gazetas durante todo o período de sua publicação, sendo o único que assinava, além de seu nome, as palavras “impressor del Rei”. Tudo que sabemos a seu respeito é que era filho de um castelhano de mesmo nome, sendo provavelmente seu pai o responsável pela publicação e comercialização da segunda edição da *Regra dos irmãos seculares da Santa e Venerável Ordem terceira de penitência que instituiu o seráfico padre São Francisco*. O pai foi descrito pela historiadora Juliana de Mello Moraes como membro da Ordem Terceira franciscana lisboeta (MORAES, 2014). Seu filho também foi bastante ativo na publicação de material voltado à Restauração portuguesa nos anos seguintes a 1640.

Os riscos econômicos da atividade de impressão nesse período são muitos, num momento em que a maioria da população não era alfabetizada e onde as obras poderiam ser eliminadas ou sofrer cortes provindos dos censores. O volume das publicações ocasionado pela Restauração, contudo, aparentemente foi responsável pela (curta) permanência de nossos personagens na estampa de livros, relações e periódicos: Lourenço de Anvers deixou de imprimir ainda na década de 40; António Alvarez cessou suas atividades em 1654 e Domingos Lopes Rosa teria saído do mercado em 1659 (ANASTÁCIO, 2007, p. 123).

2.1 - Primeira fase da Gazeta: de novembro de 1641 a julho de 1642

Durante o que chamamos de primeira fase, foram publicadas nove edições da Gazeta, as duas primeiras impressas por Lourenço de Anvers e as restantes por Domingos Lopes Rosa. O único exemplar que apresenta capa é o primeiro, onde consta a informação de que possui todas as licenças necessárias e privilégio real para ser impresso. Com média de seis folhas impressas frente e verso, era Manuel de Galhegos quem tinha autorização para imprimi-la e vendê-la, por alvará de 14 de novembro de 1641. Infelizmente não há muitos elementos a respeito da vida de Galhegos. As informações que utilizaremos foram encontradas na obra de Heitor Martins, denominada *Manuel de Galhegos. Um poeta entre a Monarquia Duas e a Restauração*, do ano de 1964. Este autor afirma que Manuel de Galhegos era provavelmente um dos mais influentes intelectuais nos anos que vão de 1630 a 1660. Mesmo os trabalhos atuais que tratam dos periódicos e seus editores não apresentam informações diferentes das encontradas por Martins para seu trabalho.

Galhegos nascera em Lisboa no ano de 1597, filho de Simão Rodrigues Galhegos e Gracia Mendes Morato. Martins afirma ainda que ele contraiu matrimônio com Luiza Freyre Pacheco e, após o falecimento de sua esposa, ordenou-se presbítero. Viveu longos anos na Espanha, onde era amigo de Lope de Vega e membro de um grande grupo de intelectuais, tendo escrito e encenado várias obras de teatro. No retorno a Lisboa, Martins indica que sua relação com os Braganças era bastante próxima, afirmando que Galhegos se tornou Capelão ou Capelão e preceptor dos filhos do rei, de acordo com diferentes obras. Manuel de Galhegos faleceu em 9 de julho de 1665.

O autor afirma ainda que, apesar de constar outra autoria, é quase certo que fora Manuel de Galhegos o autor da *Relação de tudo o que passou na felice aclamação do Mui alto, e Mui Poderoso Rey Dom João IV nosso Senhor...*, impressa também por Lourenço de Anvers, no ano de nascimento da *Gazeta da Restauração*. Essa Relação provavelmente circulou a partir do dia 8 de outubro de 1641, data em que foi taxada em 30 reis, e dois meses antes da primeira *Gazeta* objeto de nosso estudo (relativa ao mês de novembro, mas que circula apenas em

dezembro). Apesar de certamente Galhegos demonstrar potencial literário diante da nova Coroa, a Relação foi proibida poucos dias depois por decreto de D. João IV. Martins entende que essa proibição se devia a dois fatores: a Relação teria diminuído a influência do próprio monarca na Restauração e teria dado muita importância ao povo (MARTINS, 1964, p. 76). Se há dúvidas acerca da autoria de Galhegos quanto a esta Relação, para Martins a suspeita de que a Gazeta não tenha sido escrita por ele é totalmente infundada. Segundo este autor, “nunca se deu, em alvará ou licença régia, permissão para se escrever alguma coisa” (MARTINS, 1964, p. 78), sendo possível conferir nas introduções de qualquer livro do período que as licenças eram dadas somente aos autores. De acordo com Martins, seria inadmissível um autor como Manuel de Galhegos pedir uma licença com intuito comercial e entregar a parte literária para outra pessoa. Ainda há controvérsias sobre sua autoria. Alguns autores afirmam que Galhegos teria encarregado Miguel de Mascarenhas de Azeredo de escrever a Gazeta, informação que não podemos comprovar.

O estilo de escrita desta Gazeta é bastante diferente de sua segunda fase. Suas notícias são divididas por parágrafos, algumas ocupando várias páginas da (já pequena) publicação. Seu editor, contudo, poderia preferir detalhar alguma nova em outra publicação, talvez devido ao pequeno espaço disponível na Gazeta, talvez porque preferisse mesmo produzir outro material que tratasse daquela nova por considerá-la mais importante/interessante que outras. Assim, a notícia vinda da Ilha Terceira que já mencionamos se encerra com o seguinte aviso: “E de tudo o que se passou desde o dia, em que saiu deste porto o capitão mor Francisco de Ornellas da Câmara, até o em que se entregou a fortaleza *se faz uma relação verdadeira, a qual se imprime* na Officina de Domingos Lopes Rosa” (Gazeta, abr/1642, f. 2, itálico nosso). A indicação de que seria publicada pelo mesmo impressor demonstra como os diferentes materiais se relacionam, abastecendo e divulgando uns aos outros, para benefício de quem os produzia, e para suprir o desejo de informação da população que tinha acesso a eles.

As notícias de dentro do reino (que deixam de ser publicadas a partir de outubro de 1642) trazem novas de várias cidades portuguesas, tratando muitas vezes das batalhas contra Castela, mas também de milagres, crimes, cerimônias religiosas e nomeações. A variedade encontrada nesta primeira fase deixa de existir na segunda, preocupada quase exclusivamente com a dinâmica de exércitos e reis ao longo do continente. Chama bastante a atenção como D. João IV utilizou este periódico para enaltecer a dinastia de Bragança no poder, onde foram publicadas diferentes notícias relacionadas à exaltação e aceitação de D. João, não só dentro de Portugal, mas principalmente tratando das diversas embaixadas enviadas para que o novo governo fosse reconhecido.

Dentro do reino, encontramos notícias relacionadas à aprovação divina da nova dinastia. Além do milagre do crucifixo e da parede que caiu em cima de quem não acreditava nele, outras espécies de avisos divinos também aparecem na Gazeta, como quando “falou um menino mudo e disse Viva el Rei Dom João IV” (Gazeta, fev/1642, f. 3). Albino Forjaz de Sampaio explica, porém, a frequência com que crianças que falavam fora da idade ideal (ou mudas, no caso da Gazeta) apareciam em textos portugueses, lembrando que em *Lusíadas* (canto IV, est. 33) há uma menina que

ante tempo falando... nomeou
o Mestre de Aviz.
e como cousa enfim que o céu destina
No berço, o corpo e a voz levantou:
Portugal, Portugal, alcançando a mão,
Disse, pelo rei novo, Dom João (SAMPAIO, 1929-42, p. 233).

Segundo Sampaio, Manuel Severim de Faria enumerou em sua *Epítome de las historias portuguesas*, mais dois casos de crianças que falam com pouca idade, concluindo Sampaio que a Gazeta não fugia a seu tempo por registrar acontecimentos de mesma natureza. É o que entende também Eurico Gomes Dias, responsável pela publicação da transcrição da Gazeta. Dias explica que esse acontecimento reataria uma antiga tradição medieval que remonta ainda a D. João I, momento em que também teriam acontecido fenômenos como esse, afirmando que seria uma maneira de “reaproveitar” a lenda, num contexto funcional específico (DIAS, 2006, p. L; nota 69). E a Gazeta foi o meio encontrado para que se publicasse esse tipo de milagre, tanto na primeira, como na segunda fase das edições, como iremos demonstrar.

Outro assunto bastante frequente na primeira fase da Gazeta são as cerimônias realizadas em Lisboa com a presença de Dom João IV e seu filho, Dom Teodósio, herdeiro do trono português. Além disso, os nomes dos nobres presentes também são enumerados em diferentes notícias, o que denotaria a importância para estes vassallos de

aparecer naquele periódico. A primeira notícia da Gazeta do mês de março de 1642 traz as informações acerca do jubileu de Entrudo, em que foi

El Rei Nosso senhor com toda a casa Real a Igreja de S. Roque. Assistiu à festa, de que era mordomo o Marques de Montalvão; acompanhou o Santíssimo Sacramento; Levou uma vara do palio [grande distinção, reservada aos grandes fidalgos], e as outras levaram o Marquês de Gouvea, o Visconde de Vila Nova da Cerveira, o Conde do Redondo, o Conde de Óbidos e o Conde da Vidigueira (Gazeta, mar/1642, f. 1).

Na mesma publicação, os leitores são informados sobre o aniversário de Dom João IV e o Sacramento da Crisma, recebido por Dom Teodósio, em que "o ilustríssimo Senhor D. Rodrigo da Cunha Arcebispo Metropolitano se vestiu de Pontifical: deu-lhe água às mãos o Visconde de Vila Nova de Cerveira, e serviu a toalha o Conde Regedor" (Gazeta, mar/1642, f. 3v; 4). Os nomeados em diferentes ofícios, desde governador-geral do Estado do Brasil, até embaixadores e capitães de infantaria, também aparecem com bastante frequência nesta primeira fase.

Desde a primeira publicação da Gazeta encontramos notícias referentes aos representantes enviados por Dom João IV para reafirmar a independência do reino português em diferentes cortes europeias. O envio a Roma do bispo de Lamego – Dom Miguel de Portugal – recebeu certo destaque, estando presente em parte das nove Gazetas e em muitas notícias também da segunda fase; sua atuação em Roma é descrita com grande entusiasmo por diferentes editores. A historiadora Cassiana Gomes explica que com a falta de indivíduos experientes em negociações com outros governos, membros da nobreza eram promovidos a embaixadores para atuar na diplomacia. Com o bispo de Lamego não foi diferente. Sua função era se dirigir não só ao papa, mas também aos cardeais, ao assistente geral da Companhia de Jesus e ao embaixador francês na corte do papa, exaltando a condição cristã de Dom João IV (GOMES, 2014, p. 31). Na Gazeta de novembro de 1641, encontramos na seção denominada *Novas de fora do Reino* que o bispo de Lamego estava em Marselha, seguindo para Roma (Gazeta, Nov/1641, f. 5). Em dezembro do mesmo ano, a notícia é que ele já chegara a Roma e fora recebido com grande aplauso (Gazeta, dez/1641, f. 5v). Na Gazeta de fevereiro de 1642, é publicada uma notícia mais detalhada sobre o trajeto do bispo de Lamego até Roma, informando que mesmo o bispo tendo entrado na cidade às duas da manhã "para que o desgosto dos espanhóis e a alegria do povo não fosse causa de alguma inquietação", homens e mulheres "andavam como doidos pelas ruas gritando 'viva il re D. Giovanne Il quarto'". A notícia informava ainda que fora colocado um retrato de Dom João IV na sala do palácio do embaixador da França, e que "despovoava-se Roma para o ver: e todos os pintores faziam infinitas cópias, que se compravam para adornar as casas em Roma, e para mandar a outras partes" (Gazeta, fev/1642, f. 6). Enumeramos estas notícias, publicadas em Gazetas diferentes, para demonstrar a sequência que um assunto de grande interesse para os portugueses ganha neste periódico. A estadia de Lamego em Roma será tratada em diferentes exemplares da Gazeta, tanto na primeira como na segunda fase.

Por carta chegada de Londres, escrita pelo abade Carleno, a Gazeta informava que o papa Urbano VIII falara sobre a aclamação de Dom João IV, "discorrendo largamente com grande erudição sobre as muitas e indubitáveis razões de direito que tem neste Reino, de que hoje está de posse", resolvendo que "o excelentíssimo Senhor Bispo de Lamego embaixador de Portugal fosse recebido como Embaixador" (Gazeta, abr/1642, f. 5). A Gazeta dava a entender aos seus leitores que havia grande aceitação de Dom João IV em Roma, mas, apesar destas notícias, o bispo não foi recebido pelo papa durante o tempo que ficou em Roma.

Heitor Martins afirma que Manuel de Galhegos era um poeta. Nas páginas das nove Gazetas cuja autoria lhe pertencia, há um grande número de notícias "maravilhosas, de milagres, de meninos mudos que falam (...) de grandes feitos das armas portuguesas (sem perdas, sempre!), de superstições e credices sebastianescas" (MARTINS, 1964, p. 79). Estes nove exemplares são, de fato, bastante interessantes para compreendermos a sociedade portuguesa pós-Restauração, cujo novo governo deveria ser exaltado através de publicações que deveriam circular não só por Lisboa, mas por diferentes reinos europeus, assim como seus embaixadores que buscavam a aceitação da nova Dinastia diante do governo do país ibérico.

Mensurar a circulação dessa publicação tanto em Portugal como no restante do continente, contudo, é ainda tarefa difícil. José Tengarrinha entende que sua circulação era restrita, devido ao alto custo que costumava apresentar, além do baixo índice de alfabetização da população. Seus leitores seriam comerciantes, homens de negócios e pessoas instruídas da burguesia e aristocracia, interessados nas notícias da guerra com Castela (TENGARRINHA, 1989, p. 39). Antonio Bergel discorre ainda sobre os espaços públicos abertos e praças que se

tornaram locais de trocas de *novas*: "Uma autêntica rede de comunicação urbana em cujo centro principal se destacava a concorrida Praça do Rossio, a Rua Nova e o Largo do Pelourinho Velho, zonas interligadas entre si (...) por serem palco da atividade mercantil e de lazer da cidade" (BERGEL, 2004, p. 213). Seria nesses espaços, assim, que tanto a Gazeta como demais papéis produzidos para a divulgação de notícias circulariam entre diferentes camadas da população.

2.2 - Segunda fase da Gazeta: de outubro de 1642 a setembro de 1647

Poucos meses depois de iniciar sua circulação, como dissemos, a Gazeta foi suspensa, voltando a ser publicada apenas em outubro de 1642, deixando de conter as notícias de dentro do reino durante muitos anos. A segunda fase da Gazeta, assim, difere bastante da que acabamos de descrever. Passou a ser chamada de *Gazeta Primeira do mês de Outubro de novas de Fora do Reyno* – modificando-se o título conforme o mês correspondente – e Manuel de Galhegos não era mais o responsável por sua elaboração. Jorge Pedro Sousa e Nair Silva explicam que, por alvará de 29 de julho de 1642, João Franco Barreto obteve licença para "traduzir e imprimir as relações de França e suas gazetas" (SOUSA; SILVA, 2011, p. 56); o alvará, mais uma vez, não significa especificamente que era Barreto o responsável por sua edição, podemos apenas supor que era ele quem as escrevia.

Segundo estes autores, João Franco Barreto nasceu em Lisboa no ano de 1600 e em 1624 teria ido à Bahia auxiliar na expulsão dos holandeses. Assim como Galhegos, após a morte de sua esposa, tornou-se sacerdote. Teria, assim, aderido à causa da Restauração e, "por este motivo, foi escolhido para secretariar a missão diplomática de D. Francisco de Melo a França, em 1641" (SOUSA; SILVA, 2011, p. 56). Outra pessoa que também pode ter ajudado na edição da segunda fase da Gazeta teria sido Frei Francisco Brandão, monge cisterciense e doutor em teologia pela Universidade de Coimbra. Após a Restauração, foi nomeado por Dom João IV cronista-mor do reino. Presume-se que tenha auxiliado na edição da Gazeta a partir da edição de julho de 1645.

A partir de outubro, a Gazeta passa a publicar apenas as notícias de fora do reino. Deixa, então, de possuir a divisão entre notícias de dentro e de fora, e apresenta suas novas divididas por localidades. Lourenço de Anvers volta a ser seu impressor até julho de 1643. Depois, durante dois meses, foi Antonio Alvarez o responsável pelas publicações. Ao que tudo indica – pois há alguns exemplares que não apresentam a oficina de origem –, a partir de novembro de 1643 foi Domingos Lopes Rosa quem assumiu a impressão desse material até seu fim, em setembro de 1647.

Cada notícia parece, assim, ser transcrita de correspondência vinda de diferentes regiões. Outra característica em que difere da primeira fase é a existência de duas Gazetas publicadas no mesmo mês, denominadas *Gazeta primeira* e *Gazeta segunda*, como é o caso das Gazetas de outubro e novembro de 1642. A *Gazeta primeira do mês de outubro* traz novas de Viena, Holanda, Londres, e Paris, cada uma possuindo a data de quando saiu de sua origem, constando, dentro de cada aviso destas cidades, novidades advindas ainda de outras regiões. É comum, assim, encontrarmos a expressão "avisam de..." no interior da notícia, para informar que, de determinado local, chegava uma nova específica, como publicado na *Segunda Gazeta de Outubro*:

De Mastrich [Maastricht - Holanda] de 2 de Setembro de 1642

Avisam de Roma que o Padre Santo assentou, e decretou em pelo consistório, que a pessoa que estiver aclamada, e levantada do povo por Rei do Reino, e estiver um ano de posse, dando obediência a sua Santidade o Papa de Roma, será recebida, e admitida (...)

De Colônia *avisam* que os exércitos do Cristianíssimo, e dos Suecos (...) (Gazeta Segunda, out/1642, f. 1; 1v; 2, itálico nosso)

Essas expressões, que indicam certa modificação das notícias que chegavam, deixam de ocorrer nos meses seguintes, onde acreditamos haver mais uma cópia literal das cartas ou das novas publicadas em periódicos de cidades estrangeiras do que uma edição destas notícias – seus editores poderiam escolher *o que* publicar, mas a construção do texto demonstra que, a partir desta escolha, havia uma íntegra transcrição para a Gazeta:

De Roma de 11 de setembro de 1642

A 16 do passado *chegou a esta cidade* [Roma, e não Lisboa] um correio de Florença, e trouxe por novas, que aos 24 havia parido a Duquesa de Toscana um filho (...)

O dito embaixador de Castela Marques de los Veles se saiu *daqui* (...)

Estamos *aqui* em grande inquietação, e repouso depois da partida do embaixador de Castela (...) (Gazeta Primeira, Nov/1642, f. 1v; 2, itálico nosso)

A variedade de cidades de onde vêm as notícias publicadas nesta Gazeta impressiona: Roma, Hoxter, Stokolin, Praga, Hamburgo, Tolosa, Amsterdam, Barcelona, Wexford, Nottingham e Londres. Essa variedade persiste em todos os seus exemplares, apresentando, algumas vezes inclusive, notícias da mesma cidade mais de uma vez no mesmo exemplar, deixando claro que era uma nova correspondência ou periódico que chegava e era copiado para a Gazeta. É bastante frequente no decorrer das Gazetas da segunda fase notícias vindas de Roma, Londres e Paris, além de outras cidades menores inseridas também nessa rede de notícias que se espalhava por toda a Europa. A movimentação dos exércitos e as embaixadas de Portugal espalhadas por diferentes cidades têm certo destaque, e o bispo de Lamego em Roma aparece com bastante frequência em suas páginas. A aceitação do papa era fundamental para o reconhecimento da nova Dinastia que assumiu o poder em Portugal, tendo o bispo passado um ano em Roma na tentativa de ser recebido como embaixador da Corte portuguesa. Na primeira fase da Gazeta, vimos que o periódico esforçava-se em demonstrar que Lamego era bem vindo em Roma, tendo seus moradores exaltado Dom João IV e o retrato do novo rei causado tumulto na embaixada francesa para ser visto e copiado. A segunda fase da Gazeta também irá trazer diversas informações de Roma e da situação do bispo. A presença do embaixador português em Roma, como era de se esperar, causa grande insatisfação ao rei castelhano.

A relação tumultuada que Lamego possuía com o embaixador de Castela em Roma tem destaque no periódico, certamente no intuito de acirrar ainda mais os ânimos entre portugueses e castelhanos, e também devido ao interesse dos leitores em um tema tão importante quanto o reconhecimento papal. Em um aviso que chegou de Paris publicado na Gazeta, podemos ler que o embaixador Marquês de los Velez e seus companheiros "faziam mil protestos de que caso [Lamego] fosse recebido [pelo papa], se haviam de sair fora de Roma em um instante", levando consigo cardeais e, em dois meses, todos os súditos castelhanos. As provocações realizadas pela embaixada portuguesa e seus aliados também são expostas na Gazeta, onde lemos no mesmo aviso que "franceses, portugueses e catalães se juntaram um dia todos, e andaram passeando por Roma, para dar uma vista ao dito embaixador de Castela, e mostrar-lhe em efeito como seu poder não era tão grande como sua imaginação" (Gazeta Primeira, out/1642, f. 6). O argumento castelhano, segundo Cassiana Gomes, era de que o movimento restaurador português era ilegítimo, na medida em que seus direitos deveriam ter sido obtidos antes, mediante pedido ao próprio papa. O novo governo de Lisboa seria, assim, uma insubordinação a Roma e, portanto, seu representante não poderia ser recebido pelo papa (2014, p. 31-32).

O historiador A. Borges afirma que a Corte em Madri não teria gostado da atitude de indiferença do papa, pois esperava que o Sumo Pontífice fosse enérgico em reprimir o emissário do "rei rebelde". Assim, o Marquês los Velez fora enviado com instruções de que deveria fazer de tudo para impedir que o embaixador português fosse recebido, "ainda mesmo que fosse preciso tirar a vida ao emissário do Duque de Bragança, não devia hesitar, sendo-lhe prometido o cargo de Vice-Rei de Nápoles, se levasse a bom termo a sua missão" (BORGES, 1957, p. 126). Borges explica ainda que de fato o Marquês atentou contra a vida do bispo de Lamego, discorrendo que no dia 20 de agosto de 1642 (a Gazeta informa dia 23), o embaixador castelhano esperava o bispo no centro da cidade, onde se travou uma verdadeira batalha entre os soldados do Marquês e a criadagem do embaixador português. A Gazeta não traz as notícias do atentado, mas informa que "depois do sucesso que aos 23 do dito mês de agosto houve aqui entre o embaixador de Portugal e o de Castela, foram postas guardas em muitos lugares da cidade, e se dobraram as que estavam na porta dela". O papa ainda mandara conferir os muros e realizar reparos, colocando barris de pólvora e outras munições no Castelo de Santo Ângelo, "porque o pouco respeito que o embaixador de Castela mostrou em o cometimento do de Portugal, deu a entender claramente, que não esperava mais que a ocasião (...) de empreender descobertamente alguma ação contra Sua Santidade" (Gazeta Primeira, Nov/1642, f. 2). Certamente a ideia de um atentado contra o papa não fazia parte dos planos do embaixador de Castela, mas a Gazeta enfatizava a má índole dos inimigos e sugeriu que os castelhanos seriam capazes de atacar o chefe da Igreja. Na mesma Gazeta ainda há informações sobre a partida do Marquês e da devassa tirada pelos Cardeais acerca do ocorrido, "dando a culpa toda ao primeiro: e assim mandaram a Madri uma relação verdadeira de tudo, e muito contrária a do embaixador de Castela, que lançou fama que o de Portugal havia sido o agressor" (f. 2v).

O incidente entre os embaixadores é lembrado novamente em um aviso de Roma, enviado no dia primeiro de novembro de 1642 e publicado na Gazeta Segunda de dezembro, uma notícia curiosa que de certa forma remete ao milagre mencionado na primeira Gazeta de 1641 por seu caráter de exaltação dessa vez a Portugal, e não somente à Restauração:

É coisa notável, e muito para se considerar, que depois do encontro que os embaixadores de Portugal e Castela tiveram, das muitas balas que de parte a parte foram tiradas naquele lugar onde foi a pendência, se vem hoje clarissimamente em uma esquina assinaladas cinco, em modo que representam as cinco chagas, armas do Reino de Portugal, que parece as estampou ali o céu, por algum mistério oculto ao juízo dos homens (Gazeta Segunda, dez/1642, f. 3)

Mais uma vez um acontecimento cotidiano, como a parede que caiu em cima do descrente, citado no início deste trabalho, é encarado pelas pessoas e publicado na Gazeta como algo excepcional e divino, agora lembrando o escudo das armas portuguesas em marcas de balas em uma parede romana. Era muito "para se considerar" mais um mistério divino relacionado a Portugal, e portanto deveria constar na Gazeta.

A Gazeta nos informa ainda, por aviso enviado de Roma no dia 9 de janeiro de 1643, que o bispo de Lamego deixou a cidade junto ao embaixador francês no dia 18 de dezembro de 1642 (Gazeta, jan/1643, f. 2v). O memorial escrito por ele e dedicado ao papa é publicado inteiramente na Gazeta de abril de 1643, onde consta o título de *Gazeta do mês de abril de 1643 de novas fora do Reino, com o protesto que fez a S. Santidade o bispo de Lamego embaixador deste reino de Portugal, quando saiu de Roma*. É a primeira Gazeta que, a exemplo das diversas relações de sucesso que circulavam pela Europa desde o século anterior, possuía no título menção a seu conteúdo, talvez no intuito de atrair mais leitores, em vista de um tema que interessava sobremaneira à população portuguesa. O texto é bastante claro em evidenciar o tempo de um ano em que o bispo permanecera em Roma à espera de uma audiência com o papa e que "não podendo a reputação real tolerar mais tempo a desestimação, e pouco respeito, com que é tratado publicamente era forçoso reconhecer o desengano, de que neste Pontificado não havia de encontrar melhor agravo" (Gazeta, abr/1643, f. 6). Assim, o bispo deixava a cidade, sem ter atingido o objetivo de melhorar as relações portuguesas com o Sumo Pontífice. Toda a trajetória de Dom Miguel de Portugal estar presente nesta Gazeta demonstra a importância dada por seus editores, e certamente por seus leitores, pelo restabelecimento dos laços entre Roma e Lisboa.

Por fim, gostaríamos de destacar ainda o retorno de notícias de dentro do reino em alguns exemplares a partir do ano de 1644. Com o título de "de Lisboa aos 13 de setembro", as novas publicadas no final da Gazeta de julho e agosto de 1644 (a partir de 1644 passam a ser publicadas algumas Gazetas referentes a dois meses, e não apenas a um) informam sobre a chegada no porto da frota da Bahia, além de outra embarcação da Índia, concluindo que, acerca daquelas novas, "daremos mais copiosa relação na futura Gazeta do corrente" (Gazeta, jul-ago/1644, f. 6v.). Quase dois anos depois, podemos notar o retorno da Corte portuguesa às folhas do periódico, informando a Gazeta que "o mês passado fez sua Majestade mercê ao Conde de Vidigueira do título de Marquês de Niza (...). Também sua Majestade confirmou a Dom Diogo de Lima o título de Visconde de Vila Nova da Cerveira". Mencionou ainda, para além de muitas outras novas, a morte de dois vassallos que trouxeram tristeza aos "generais e mais oficiais de guerra, assim portugueses, como franceses, por serem esses dois fidalgos tão mancebos e tão valorosos" (Gazeta, set-out/1646, f. 4v; 5). Esse aviso de Lisboa, diferente da Gazeta de 1644 mencionada anteriormente, ocupa quase metade deste exemplar, com notícias de diferentes partes do continente.

Algumas conclusões e novos desafios

Apesar de se tratar ainda de uma parcela reduzida da população que tinha acesso aos escritos analisados em nosso trabalho, entendemos que já havia naquele momento espaço e interesse naquela sociedade para a produção e circulação de um material periódico. Em 1641 a periodicidade começava a se desenvolver em terras lusas, controlada, a exemplo de outros países como a França, pela Coroa. O fato de ser *oficiosa*, ou seja, contar com aprovação real para ser publicada, não diminui o valor desta Gazeta enquanto representante da sociedade em que se inseria, na medida em que o tempo de sua circulação e, portanto, permanência na vida portuguesa, demonstram que havia interesse naqueles escritos, ou não teriam sido comercializados durante tanto tempo. Seus editores certamente não continuariam a escrevê-los, nem seus impressores a publicá-los, compilando novas de todo o continente, traduzindo periódicos estrangeiros e submetendo todo o material à censura, se não houvesse interesse da população (ainda que fração reduzida dela) em informar-se.

A primeira fase da Gazeta demonstra o dia-a-dia da corte e da realeza, a prestação de serviços de nobres em diferentes batalhas contra Castela, e traz ainda algumas notícias das Índias, do Brasil, de outras partes do Império e de algumas cidades europeias. A segunda fase, por outro lado, publica novas de dezenas de cidades por todo o

continente, informando aos seus leitores o andamento de batalhas, guerras internas como as de Inglaterra, e dá destaque às embaixadas enviadas para diferentes nações no intuito de fortalecer e tornar reconhecida nova Dinastia. Os editores da Gazeta, entre acertos e erros no decorrer de suas publicações, encontraram um equilíbrio que agradava tanto à Coroa portuguesa quanto aos seus leitores. A permanência dos assuntos através dos anos, como a estadia do bispo de Lamego em Roma, informa aos pesquisadores atuais quais eram os tipos de notícias que agradavam àquela sociedade e ao mesmo tempo eram permitidas por Dom João IV.

Entendemos a Gazeta como um periódico claramente com função de exaltar a nova dinastia e ao mesmo tempo desmerecer os castelhanos. Por que, então, uma “derrota diplomática” como a da embaixada de Roma teve tanto destaque? A importância do reconhecimento do Papa, do retorno das boas relações com Roma e da nomeação de bispos no Reino e também no ultramar, para uma sociedade (e uma Coroa) católica, talvez expliquem a quantidade de publicações sobre o episódio na Gazeta, como uma forma de “prestar contas” das ações de Dom João IV e de Dom Miguel de Portugal para resolver um problema que trazia grande preocupação a seus leitores. Ainda não possuímos a resposta definitiva a esta questão, temos apenas a certeza de que, se permaneceu ao longo das publicações, certamente esse assunto interessava àquelas pessoas. São ainda hipóteses, caminhos a serem percorridos com a intenção de compreender a função e o espaço ocupado pela Gazeta da Restauração naquela sociedade. Não temos dúvidas de que as ações bélicas por todo o continente influenciavam o interesse da população ao redor da Europa por informações acerca das diferentes batalhas que ocorriam. Diversos assuntos que não as batalhas também estavam presentes, numa miscelânea que abarcava também as navegações, as cerimônias religiosas, a nobreza e o cotidiano, não só português, como de partes do continente europeu.

Após o fim da Gazeta, apenas em 1663 teremos novamente outra publicação periódica em Portugal. Escrito (e dessa vez assinado) pelo secretário de Estado de Dom Afonso VI, o *Mercúrio Português* inicia sua circulação em janeiro de 1663, “para servir ao bem público de Europa com novas certas da guerra entre portugueses e castelhanos”⁵. Seu objetivo, já bastante delimitado, seu discurso, ácido contra os castelhanos, e a descrição detalhada do cotidiano português ao longo dos anos de sua publicação serão tema, porém, de outro trabalho.

Referências bibliográficas

- ANASTÁCIO, Vanda. ‘Heroicas virtudes e escritos que as publiquem’. D. Quixote nos papéis da Restauração. *Iberoamericana*. Nueva Época, Año 7, n. 28, 2007. Disponível em: <http://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Iberoamericana/2007/Nr_28/28_Anastacio.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- BELO, André. *As Gazetas e os Livros*. A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso (1715-1760). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2001.
- BERGEL, Antonio Jesús Alías. As Relações de sucessos nas origens do jornalismo. *Leituras*. Revista da Biblioteca Nacional. n. 14-15, Primavera – Outono 2004.
- BORGES, A. Antunes. Provisão dos bispados e Concílio Nacional no reinado de D. João IV. *Lusitanea Sacra*. Centro de Estudos de História Eclesiástica, 1957. Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/2752858>>. Acesso: 18 abr. 2016.
- BUESCU, Ana Isabel. Cultura impressa e cultura manuscrita em Portugal na Época Moderna. Uma sondagem. In: _____. *Memória e Poder*. Ensaios de história cultural (séculos XV-XVIII). Lisboa: Edições Cosmos, 2000.
- DIAS, Eurico Gomes. *Gazetas da Restauração: (1641-1648)*. Uma revisão das estratégias diplomático-militares portuguesas (edição transcrita). Coleção Biblioteca Diplomática do MNE, 2006.
- ESPEJO, Carmen. Un marco de interpretación para el periodismo europeo en la primera Edad Moderna. In: CHARTIER, Roger; ESPEJO, Carmen. (Eds.) *La aparición del periodismo en Europa*. Comunicación y propaganda en el Barroco. Marcia Pons, 2012.
- FARIA, João André de Araújo. *A Restauração de Portugal Prodigiosa, 1640-1668*. Dissertação. Seropédica: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/pphr/files/2015/05/FARIA-JO%C3%83O-ANDR%C3%89.-2010.-Dissertacao-MESTRADO.-UFRRJ.compressed.pdf>>. Acesso em: 18. Abr. 2016.
- GOMES, Cassiana Maria Mingotti Gabrielli. *Diplomacia e Concorrência Colonial*. Portugal e França (1640-1715). Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15062015-105757/en.php>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

⁵ *Mercúrio Portuguez*. Com as novas da guerra entre Portugal e Castela. Novas do mês de janeiro de 1663. f. 1v.

- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Investigações sobre uma categoria da sociedade buguesa. Trad. Denilson Luís Werle. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- INFELISE, Mario. El mercado de las noticias en el siglo XVII: las tipologías de la información. In: GÓMEZ, Antonio Castillo; AMELANG, James S. (Coords.). *Opinión pública y espacio urbano en la Edad Moderna*. Gijón: Ediciones Trea, 2010.
- LISBOA, João Luis. As primeiras gazetas em Portugal: uma apresentação. In: DIAS, Eurico Gomes. *Gazetas da Restauração: (1641-1648)*. Uma revisão das estratégias diplomático-militares portuguesas (edição transcrita). Coleção Biblioteca Diplomática do MNE, 2006.
- _____. Introdução. In: _____. (Coord.) *Gazetas. A informação política nos finais do Antigo Regime. Cadernos de Cultura 4*. Suplemento da Revista Cultura, 2002. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/chc/pdfs/Cadernos4.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- MARTINS, Heitor. *Manuel de Galhegos*. Um poeta entre a Monarquia Duas e a Restauração. Anadia: Tipografia Cisial, 1964.
- MEGIANI, Ana Paula Torres. Contar coisas de todas as partes do mundo: as Relaciones de Sucesos e a circulação de notícias escritas no período filipino. In: ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de; SILVA, Gian Carlo de Melo; RIBEIRO, Marília de Azambuja (Orgs.). *Cultura e sociabilidades no mundo atlântico*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- MORAES, Juliana de Mello. Os livros da ordem terceira de São Francisco entre Portugal e a América portuguesa nos séculos XVII e XVIII. *História, histórias*. Brasília, vol. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/12393>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- SAMPAIO, Albino Forjaz de. O jornalismo: as 'Relações' de Manuel Severim de Faria de as 'Gazetas' da Restauração – Os 'Mercurios' – Quem foi o primeiro periodista português? In: *História da Literatura portuguesa ilustrada*. Lisboa: Bertrand. 1929-1942. Vol. 3.
- SILVA, Gabriel. Redatores e impressores da Gazeta 'da Restauração'. In: SOUSA, Jorge Pedro et al. *A Gazeta 'da Restauração': primeiro periódico português – Uma análise do discurso*. Covilhã, Portugal: Livros Labcom, 2011. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/18>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- SOUSA, João Pedro; SILVA, Nair. A Gazeta 'da Restauração': uma apresentação. In: _____. (et al). *A Gazeta 'da Restauração': primeiro periódico português – uma análise do discurso*. Covilhã: Livros Labcom, 2011. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/18>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- STOLS, Eddy. Livros, gravuras e mapas flamengos nas rotas portuguesas da primeira mundialização. In: THOMAS, Werner; STOLS, Eddy; KANTOR, Iris; FURTADO, Júnia (Orgs.) *Um mundo sobre papel*. Livros, gravuras e impressores flamengos nos Impérios Português e Espanhol (séculos XVI-XVIII). São Paulo/ Belo Horizonte: Edusp; Editora UFMG, 2014.
- TENGARRINHA, José. *História da Imprensa periódica portuguesa*. (2ª edição) Lisboa: Editora Caminho, 1989.